

## Que diferença? problematizações no currículo cultural da educação física

### What difference? problematizations in the physical education cultural curriculum

### ¿Que diferencia? problematizaciones en el currículo cultural de educación física

Wellington Santana Silva Júnior<sup>1</sup>

Carolina Rodrigues de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse trabalho insere-se no campo do currículo cultural da educação física apoiado nas teorias pós-estruturalistas e pós-críticas. Através da metodologia de análise do discurso foucaultiana, objetivamos localizar epistemologicamente a diferença no currículo cultural. Foram analisados 11 artigos que discutem o conceito de diferença em tal proposta. Como resultados, indicamos que o conceito em questão nessa perspectiva curricular está pautado na diferença cultural a partir do multiculturalismo crítico e dos Estudos Culturais. No entanto, por meio das experiências didáticas pedagógicas nessa mesma perspectiva curricular, um corpo, ao ser afetado, pode se diferenciar de si, nesse caso, a diferenciação está na afirmação da vida, na resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida.

**Palavras-chave:** Educação física; Currículo cultural; Diferença.

**Abstract:** This work falls within the field of physical education cultural curriculum supported by post-structuralist and post-critical theories. Through the Foucauldian discourse analysis methodology, we aim to epistemologically locate the difference in the cultural curriculum. 11 articles were analyzed that discuss the concept of difference in such a proposal. As results, we indicate that the concept in question in this curricular perspective is based on cultural difference from critical multiculturalism and Cultural Studies. However, through pedagogical didactic experiences in this same curricular perspective, a body, when affected, can differentiate itself, in this case, the differentiation is in the affirmation of life, in the resistance of the power of life against the power over life.

**Keywords:** Physical education; Cultural curriculum; Difference.

**Resumen:** Este trabajo se encuadra en el campo del currículum cultural de la educación física sustentado en teorías posestructuralistas y poscríticas. A través de la metodología foucaultiana de análisis del discurso, pretendemos localizar epistemológicamente la diferencia en el currículo cultural. Se analizaron 11 artículos que discuten el concepto de diferencia en tal propuesta. Como resultados, indicamos que el concepto en cuestión en esta perspectiva curricular se basa en la diferencia cultural desde el multiculturalismo crítico y los Estudios Culturales. Sin embargo, a través de experiencias didácticas pedagógicas en esta misma perspectiva curricular, un cuerpo al ser afectado puede diferenciarse, en este caso, la diferenciación está en la afirmación de la vida, en la resistencia del poder de la vida contra el poder sobre la vida.

**Palabras clave:** Educación Física; Currículo cultural; Diferencia.

### Situando o caminhar do nosso texto

Quando se pensa nos processos desejantes do sujeito de ser diferente a partir das propostas curriculares<sup>3</sup>, é comum acessarmos discursos circulantes que defendem o aceitar,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos

valorizar, afirmar, potencializar e respeitar a diferença. Porém esses movimentos relacionados a diferença, a partir de uma proposta curricular, não são a mesma coisa. Aceitar a diferença não é a mesma coisa que potencializá-la, assim como difere de um movimento de afirmar a diferença.

Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011), preocupadas com o uso das palavras diferença e diversidade na educação, desenvolveram um estudo que pudesse indicar os distintos significados desses conceitos no campo, assim como os equívocos conceituais. Para as autoras, na área da educação nos últimos tempos, a utilização dos termos diversidade e diferença vem crescendo de forma discriminada, justamente por conta dos efeitos das lutas sociais. No entanto, essas lutas trazem à tona as discussões de distintas perspectivas teóricas que levantam essa temática para se ocuparem com as mudanças de matrizes das políticas públicas (currículo), assim como para compatibilizar as exigências do respeito à diferença com reivindicações feita por grupos sociais, de modo que não haja restringimento ao relativismo cultural.

Ao mesmo tempo, tais perspectivas teóricas fazem atribuições de diferentes modos de pensar a diferença e a diversidade, muitas vezes, inclusive, usadas como sinônimos. O termo diversidade e suas especificidades se diferenciam em vários contextos nacionais e internacionais, conforme o período de sua emergência e causas que geraram as discussões sobre certos grupos, identidades culturais, discriminação entre outros temas. O movimento de imigração, as discussões sobre gênero, sexualidade, raça, etnia, religião e língua são fatores que mobilizam a discussão a respeito da diversidade no campo de currículo (ABRAMOWICZ, RODRIGUES E CRUZ, 2011).

O currículo cultural, é uma proposta para a área da educação física criada e produzida de forma contínua, que abraça esse movimento da diversidade ao trazer para o campo culturas até então consideradas marginalizadas. Segundo Neira e Nunes (2009), trata-se de uma perspectiva que emerge diante da crescente produção das desigualdades sociais, por conta de todo um sistema neoliberal, que deixa à margem a diferença. Dessa forma, o currículo cultural torna-se uma possibilidade de potencializar as culturas pertencentes a essas margens.

---

<sup>3</sup> Ao falarmos em propostas curriculares, estamos nos referindo ao currículo na educação. Paraíso (2010) entende que o currículo é diferença por natureza e de território com ampla multiplicidade, se constitui e opera de forma rizomática. Para Lopes e Macedo (Teorias de currículo, 2011) e Silva (Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo 2017), esse processo de operação (subjetivação) tem como objetivo formar identidades. Segundo Neira (2014), o currículo cultural visa formar identidades solidárias a favor das diferenças culturais.

No pensar desses autores, o currículo cultural possibilita a experimentação dos conflitos para a vivência da diferença, sendo ela as múltiplas possibilidades, no qual o ato de ressignificar, de produzir outros códigos, faz da aula um espaço de leitura das práticas corporais. Uma vivência que visa a produção de conhecimentos, o desenvolvimento de atitudes críticas, a criação de saberes sobre a cultura corporal e o posicionamento contra as injustiças sociais.

As intenções deste texto direcionam-se em dar visibilidade à diferença na teorização do currículo cultural a partir da análise do discurso. Compreender as linhas pelas quais o debate da diferença, no âmbito do currículo cultural vem sendo construído e, em um segundo momento, tecer possibilidades de diálogo com o processo de diferenciação, proposto por Gilles Deleuze, filósofo que levou o conceito de diferença a sua enésima potência.

### **O currículo cultural da educação física e o conceito da diferença**

Diante das várias propostas curriculares da educação física voltadas para diferentes objetivos, emerge o currículo cultural no século XXI como uma possibilidade de olhar para o corpo como algo construído em meio às relações de poder. Um corpo que pode se desmutar diante das forças operantes no território aula. Nesse processo de desmutação do corpo, se faz necessário a liberdade para criar, sendo nesse ponto os possíveis acontecimentos da diferenciação.

Uma proposta da educação física que ganha consistência com a obra *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*, de Neira e Nunes (2006). Nesse livro, os autores tiveram a intenção de incentivar as vivências de diferentes práticas corporais, indo na contramão das propostas que difundem, na maioria das vezes, as mesmas práticas de origem europeias e hegemônicas.

Refere-se a um currículo que visa propor vivências que vão além do simples gesticular pela busca da criação, a partir do desejo e da resistência. Para isso, conduz a prática docente e as vivências discentes com um olhar para a cultura corporal como território em constante transformação. Trata-se de um currículo que se coloca a tematizar as práticas corporais a partir da diferença, estando aí, nesse ponto, nosso interesse de pesquisa.

Nunes (2016) para melhor conceituar a diferença no currículo cultural, procurou se apoiar nos pensamentos de Derrida e Foucault. Segundo esse autor, Derrida cria o termo *différance* por meio da linguagem, enfatizando que a diferença se dá na própria diferença. No

sentido de que nada pode ser considerado como igual a si mesmo ou ter uma identidade que defina a existência das coisas. Através dessa reflexão, entende-se que nenhum significante traz um significado pertencente somente a si, ou seja, na representação de uma única identidade. Isso porque todo significante traz características de outros, o que impossibilita sua fixação, desse modo, se tem e se faz a diferença.

Esse mesmo autor, com base na filosofia de Michel Foucault, entende que a diferença pode ser um conceito que possibilita a transgressão dos significados, ou seja, no limite das coisas que estão em ação no mundo. Segundo Foucault (2009, p. 32) “a transgressão é um gesto relativo ao limite” - sendo o limite aquilo que está sendo colocado como uma única verdade nos discursos de temas polêmicos, exemplo: política, sexualidade, religião etc. Trata-se de uma transgressão dos limites que se assemelha a um processo contínuo, no sentido em que ao mesmo tempo que ela rompe um limite, o que foi rompido se fecha, e logo adiante, um outro é produzido. Em Nunes (2016), esse processo de transgressão que abre espaço para a diferenciação é algo que pode acontecer nas vivências pedagógicas do currículo cultural.

Nessa proposta curricular pós-crítica, uma vivência se inicia no processo de leitura da prática corporal, em que as lutas, os jogos, as brincadeiras, as ginásticas e os esportes são apresentados aos discentes de modo que tanto o corpo como os gestos sejam vistos como textos (NUNES, 2018). Os professores, ao tematizarem as práticas corporais, por meio de atividades planejadas e sistematizadas, estimulam os alunos a fazerem leituras, interpretações e consecutivamente novas escritas de gestos, regras e discursos. Trata-se da ressignificação que se faz presente nas criações que emergem dos movimentos de resistência, ou seja, na contraconduta (SILVA JÚNIOR, 2021).

De acordo com Neira (2020a), o currículo cultural é conduzido pelos princípios ético-políticos e encaminhamentos didático-metodológicos, procurando levar os alunos a fazerem leituras cada vez mais aguçadas das práticas corporais. Sendo na busca por essas leituras, que as relações de poder que produzem discursivamente as diferenças, passam a ser percebidas e questionadas, abrindo espaço para as negociações. Desse modo, a diferença não é simplesmente respeitada e aceita, e sim, valorizada.

No pensar de Borges (2019, p. 19), as aulas de educação física na perspectiva cultural, são sistematizadas "visando inventariar ações educativas voltadas para a formação do sujeito a favor das diferenças culturais". Segundo esse autor, para isso, essa proposta se apoia em discursos pós-críticos, com maior interface nos Estudos Culturais e no multiculturalismo

crítico abrangente nas esferas educacionais e nas políticas de governo para a problematização da diferença cultural.

Entre esses campos, a partir do multiculturalismo crítico, se faz necessário no tempo presente, principalmente na esfera educacional, produzir propostas curriculares que contribuam na formação de sujeitos diferentes, ou seja, orientados a seguirem conduções multiculturais por meio da "valorização da diversidade e das diferenças" (BORGES, 2019, p. 128).

Bonetto (2021) em sua pesquisa, ao procurar investigar as potencialidades do currículo cultural, a partir das práticas pedagógicas, objetivou ampliar os significados do conceito de diferença nessa perspectiva, relacionando o mesmo com a diversidade cultural e com as mais diferentes culturas. Uma diferença que está no outro, na cultura do outro, que não é hegemônica e por isso deixada à margem por propostas curriculares acríticas da área que valorizam certos padrões de movimentos corporais e excluem outros, os diferentes.

Conforme Bonetto (2021), o currículo cultural afirma a diferença ao tencionar as concepções modernas que valorizam a ordem e o controle de tudo, assim como a burocratização da vida escolar e a homogeneização das coisas. Uma afirmação ou valorização da diferença que está ligada a formas de conduta, de governo e de regulação escolar. Destaca o autor que esse conceito (diferença), vem ganhando visibilidade nas diversas pesquisas da área, ao apontarem o processo didático pedagógico do currículo cultural, como uma forma de resistir às lógicas normatizantes, disciplinares, modernas, neoliberalistas e produtoras de subjetividades capitalistas.

No pensamento de Vieira (2020), trata de uma pedagogia que atua no enfrentamento das injustiças, sendo ela uma alternativa curricular, que atua a favor das diferenças, assim como na formação de sujeitos solidários e politicamente comprometidos na luta por uma sociedade mais justa. Esse autor compreende que por meio de um olhar a partir de uma análise do desejo, a maior dificuldade esteja na formação de subjetividades que o capitalismo produz através das suas máquinas sociais, uma escola de inclusão. No entanto, no currículo cultural, "as aulas deixam de ser um espaço de formação de identidades sensíveis à diferença (cultural) para um local de agenciamento do desejo com possibilidades de aguçamento de linhas libertárias" (VIEIRA, 2020, p. 148).

É possível localizar, por meio dos autores aqui citados, discussões que versam sobre a diferença no currículo cultural situados na chave da cultura, pautada na identidade, no que difere em relação ao outro. Também, posicionamentos mais recentes, em que o conceito de

diferença é questionado para outras possibilidades epistemológicas. Embasados nesse movimento, levantamos a problematização: a diferença, na chave da cultura, permite a compreensão e a possibilidade de resolução dos conflitos a partir da aceitação, trocas ou diálogos culturais, como proposto pelo currículo cultural da educação física?

### **A diferença no pós-estruturalismo a partir de Deleuze**

Deleuze, assim como Nietzsche, foi um criador de conceitos. Seu modo de pensar a diferença vai nas linhas opostas das concepções postas na identidade - no seu tempo e ainda hoje, sendo uma diferença que está na não semelhança entre duas ou mais coisas. A intenção desse filósofo francês foi justamente tirar a diferença desse lugar de comparações. Para isso, ao refletir em Nietzsche, Deleuze nos apresenta uma diferença pura, ou seja, a diferença em si (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017).

Segundo os autores, a diferença a partir de Deleuze, não está na comparação de uma coisa com a outra, entre as culturas, ou entre dois sujeitos, mas sim, nos acontecimentos diante do processo de diferenciação. Para Deleuze, a repetição não pode ser considerada uma repetição do mesmo, pois entende que toda repetição pode se diferenciar.

Paraíso (2010), com o intuito de afastar a diferença de todo sentido ligado a identidade, busca fazer isso com Deleuze. Ela relata que Deleuze foi um filósofo da multiplicidade por ter pensado na repetição como diferença. Algo que também tem relação com o acontecimento, sendo nesse processo que talvez possa acontecer a criação pela diferenciação de si.

Ao invés da identidade, que visa uma redução da diversidade a um elemento comum, Deleuze dá preferência em pensar a diferença em si, posta na variação, na multiplicação, na disseminação e na proliferação. Uma diferença que é pensada não como uma característica relativamente geral que visa generalizar o conceito, mas sim, uma criação no acontecimento. Deleuze, ao invés de valorizar o uno, o todo, a origem, procurou dar importância à multiplicidade, à diferenciação, à repetição e à improvisação (PARAÍSO, 2010).

No pensar de Paraíso (2010), a diferença em Deleuze não está na ordem da representação; não se trata de um produto e muito menos de um resultado. Trata-se de uma diferença que não tem nenhuma relação com o diferente ou com a predicativa e prepositiva. Para Deleuze, a diferença é afirmada na diferença em si, ou seja, uma diferença interna a própria coisa que nada mais é que o diferenciar-se.

Com base nesses autores e no próprio Deleuze, é explicado que o diferenciar pela repetição está no eterno retorno, que a repetição implica na mudança qualitativa, sendo necessário um rompimento dos limites. A repetição rompe certos limites para a emergência do novo, faz saltar uma outra coisa: o metabolismo das forças que diferencia.

Quando dizemos que o eterno retorno não é o retorno do Mesmo, do Semelhante ou do igual, queremos dizer que ele não pressupõe qualquer identidade. Ao contrário, ele se diz de um mundo *sem identidade*, sem semelhança, e sem igualdade. Ele se diz de um mundo cujo próprio fundo é a diferença e em que tudo repousa sobre disparidades, diferenças de diferenças que se repercutem indefinidamente (o mundo da intensidade). Ele mesmo, o eterno retorno, é o idêntico, o semelhante e o igual. Mas ele nada pressupõe daquilo que ele é, naquilo do qual ele se diz. Ele se diz naquilo que não tem identidade, semelhança ou igualdade (DELEUZE, 2021, p. 320-321, grifos do autor).

No pensar de Deleuze (2021), a diferença no eterno retorno está na vontade de potência. Trata-se de uma vontade de potência que, a partir de Nietzsche, se encontra no mundo cintilante das metamorfoses que diferencia, excluindo desse modo toda identidade prévia.

Ao olharmos para a diferença no viés de Deleuze, é possível perceber que não se reconhece uma diferença e sim se instaura uma diferenciação. O filósofo, ao invocar a diferença, nega a ideia de identidade, que pensa a unidade e totalidade. Mas, como pensar o currículo, que tem como objetivo formar identidades e passar a pensá-lo como um produtor de diferenças?

Félix Guattari, nos ajuda no sentido de entender que a heterogeneidade precisa ser produzida. Isso significa que não basta reconhecer ou valorizar as diferenças identitárias, como na tolerância neoliberal, porém, o que se cabe, é uma intensificação das diferenciações, produzi-las, incitá-las, criá-las (ABRAMOWICZ, RODRIGUES E CRUZ, 2011).

### **Sobre a metodologia**

A investida analítica para essa pesquisa se deu a partir da sistematização da produção acadêmica do site do GPEF, com intuito de conhecer como o conceito de diferença vem sendo utilizado nas propostas referentes ao currículo cultural.

A partir da análise do discurso, em consonância com Caldeira e Paraíso (2016), a preocupação não esteve em descobrir naquilo que se analisou elementos ocultos, sentidos

secretos que se escondem ou aparecem nele. Pelo contrário, com base em Foucault (1972), o que se esperou foi uma atenção e destaque daquilo que de fato está dito. Uma inscrição exatamente do dito, do escrito, do construído discursivamente. Nesse mesmo sentido, visando ampliar a noção de análise de discurso, essas autoras, ao citarem Deleuze (1988), relatam que para esse filósofo, o importante é descrever o que se consegue ver, e não aquilo que se encontra escondido atrás ou embaixo do dito.

Fizemos uma busca entre todos os artigos publicados no site do GPEF, desde o primeiro, com publicação em 2004, até os últimos publicados em abril de 2024<sup>4</sup>, no total, nesse recorte temporal, foram mais de 300 textos encontrados. Como critério de seleção, selecionamos somente os artigos que constam no título a palavra “diferença”. Na seleção, encontramos 12 artigos que traziam em seu título a palavra diferença. Entre esses selecionados, 1 deles foi excluído porque não discutia a diferença no currículo cultural, e sim, em outras propostas curriculares da educação física. Com isso, fizemos a análise de 11 periódicos.

Após a seleção desses periódicos, destacamos excertos dos mesmos para serem analisados pela análise do discurso, juntamente com o campo teórico do currículo cultural e da filosofia da diferença.

### **A diferença no currículo cultural da educação física - pontos de chegada**

Nessa seção, estaremos expondo excertos localizados nos artigos analisados.

A ordenação será a temporal, na busca por evidências dos deslocamentos de pensamentos, referente às apreensões da referida noção. Em seguida, apresentaremos nossas discussões por meio das análises.

A educação em uma perspectiva multicultural crítica não só valoriza e reconhece as diferenças, como também assegura a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças, apontando focos de resistência e de construção da identidade cultural (NEIRA, p.127). [...]. Sob influência dos Estudos Culturais e do multiculturalismo crítico, o currículo multicultural é concebido como espaço-tempo de encontro das culturas, construção de identidades e diferenças, questões de discriminação e preconceitos étnicos, de gênero, orientação sexual, habilidade ou padrão corporal, entre outros (NEIRA, 2014, p. 130).

---

<sup>4</sup> Esse texto refere-se ao resumo de um trabalho em andamento apresentado no 23º Congresso de Leitura do Brasil em 2023. No mesmo ano, foi submetido na revista Linha Mestra como artigo. No ano de 2024, o mesmo foi aceito e necessitou de adequações. Ao concluirmos as adequações, foi aceita sua publicação.

Um currículo cultural valoriza a diversidade e questiona a própria construção das diferenças e, por conseguinte, dos estereótipos e preconceitos daqueles percebidos como diferentes (MULLER; NUNES; NEIRA, 2015, p. 117).

O mapeamento, a tematização, a etnografia das práticas corporais e a problematização nos permitem pensar o currículo cultural de Educação Física a partir do conceito de diferença pura de Deleuze, quando retiram o foco da identidade como representação (no sentido da reconhecimento) e rompem com a ideia de reunir a semelhança, classificando-a em uma identidade (NUNES; NEIRA, 2017, p. 473).

Surgiu, desse movimento, a chamada perspectiva cultural, culturalmente orientada ou, simplesmente, currículo cultural (NEIRA; NUNES, 2006 e 2009). Em síntese, tal perspectiva busca a formação de um sujeito solidário, aqui entendido como aquele que compreende a importância de toda e qualquer pessoa na sociedade, independentemente da condição de classe, raça, etnia, gênero ou religião, logo, a favor das diferenças (NEIRA, 2020b, p. 829).

A percepção de que o currículo cultural da Educação Física é potencialmente a favor do direito às diferenças, mesmo que os professores enfrentem dificuldades em abordá-las, desencadeou o interesse de identificar, analisar e compreender como os professores que afirmam colocar em ação o currículo cultural da Educação Física abordam as diferenças relacionadas às práticas corporais e aos seus representantes (NEIRA, 2020c, p. 43).

No currículo cultural, por ora analisado a partir da experiência deste professor, podemos compreender que foram propostas situações didáticas que buscaram valorizar as diferenças culturais e dar visibilidades a questões que, por muito tempo, foram escamoteadas nos currículos e nas escolas (NUNES, 2021).

A partir de Neira e Nunes (2009), a Educação Física pós-crítica, ao apoiar-se nos referenciais das Filosofias da Diferença, valoriza a produção, a criação do que ainda não foi pensado, contesta as estéticas canônicas, não se amarra em métodos rígidos e verdadeiros, planos previsíveis e tecnocráticos, descentraliza o poder do conhecimento do professor oriundo da cultura acadêmica e abre as portas para os conhecimentos de outros campos discursivos. Em consonância, Bonetto (2021) descreve que as experiências com a Educação Física inspirada pelas Filosofias da Diferença promovem a veiculação de um tipo de conhecimento tematizado e problematizado e que, por isso, não se trata da transmissão de um pensamento representacional, especialmente quando tais práticas valorizam a criação, o novo e a diferença (BONETTO; VIEIRA; BORGE, 2022).

Podemos conjecturar que, agenciados pelos princípios do currículo cultural, os docentes incitam o posicionamento dos estudantes frente às problemáticas levantadas e isso libera fluxos contínuos de encontros que, em momentos diversos, produzem fagulhas de instabilidade nos modos de pensar dos envolvidos no processo pedagógico. Isso propicia uma pedagogia da diferença e, possivelmente, coloca em xeque muitas identidades e verdades que impregnam nossas vidas e nossos modos de pensar. Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011) explicam que a diferença não se apazigua, o que a

diferença faz é diferir. Dessa forma, a cada repetição, se extrai uma diferença, ou seja, diferenças geram diferenças. A diferença vai de encontro às identidades, borrando-as (NUNES; NEIRA, 2023 p. 11).

Ao considerar campos teóricos que rejeitam processos subjetivos previsíveis e totalizantes, a Educação Física cultural apresenta certa dificuldade de enunciar um sujeito teleológico. Logo, as atividades que incitam processos democráticos e solidários, sensíveis às condições da diferença, exemplificam muito bem os desejos e os anseios da proposta. Todavia, a partir das filosofias da diferença, é importante ressaltar que, se essas atividades promoverão certas transformações ou se terão força de intervir nos processos subjetivos mais duradouros dos sujeitos, isso é encarado como possibilidade, e não como certeza (BONETTO; NEIRA, 2023, p. 6).

Portanto, as epistemologias e ontologias dos grupos vistos como diferença colonial potencializam o debate já fomentado no interior das discussões do currículo cultural. (SANTOS JÚNIOR; NEVES; NEIRA; 2023, p. 14). [...]. Uma prática pedagógica que leve em conta o direito à diferença e o direito à opacidade renúncia às certezas da Modernidade para se nutrir da incerteza e da abertura para o improvável. As subjetividades postas nos encontros rompem as fronteiras das colonialidades para se constituírem em relação, em liberdades, mesmo que sejam outras, que sejam liberdades reguladas. Uma Educação Física solidarizada à diferença necessita permitir o encontro dos corpos, da multiplicidade, da dissidência. O compromisso ético dessa empreitada não é querer tornar-se o outro, nem fazer dele uma imagem daquilo que se deseja, é produzir-se com ele, é trilhar caminhos ainda não vividos, é potencializar uma estética, um ser (SANTOS JÚNIOR; NEVES; NEIRA; 2023, p. 15).

A partir da discussão aqui iniciada e levando em consideração a teoria que inspira nossas reflexões, questionamentos e problematizações, acreditamos que uma perspectiva de Educação Física que traga em suas ações docentes a centralidade da cultura nos permite não somente identificar os diferentes sujeitos que ocupam os espaços escolares, mas também questionar os marcadores sociais e apostar em uma atuação política a favor da diferença. Isso se dá através do reconhecimento das práticas corporais e culturais de povos historicamente subalternizados, trazendo para dentro das escolas os seus saberes, legitimando-os enquanto conhecimentos do currículo [...]. O currículo cultural é campo de significação que enuncia e potencializa a diferença (PORTELA; ALVIANO JUNIOR; 2024, p. 18).

Ao analisarmos os excertos retirados dos artigos selecionados para esse trabalho, notamos que a diferença na teorização do currículo cultural se encontra em alguns campos teóricos distintos. Entre eles no multiculturalismo crítico, nos Estudos Culturais, no pós-estruturalismo e na filosofia da diferença. No entanto, trata-se de campos que se aproximam em alguns pontos e se distanciam em outros.

Percebemos que em alguns periódicos selecionados, a diferença no currículo cultural está relacionada à diversidade das práticas corporais deixadas a margem da sociedade, com isso, também as representações das identidades pertencentes a esses grupos, como em: Neira

(2014), ao relatar que a perspectiva multicultural crítica que dá base ao currículo cultural valoriza e reconhece as diferenças, assegurando assim a diversidade cultural; Muller, Nunes e Neira (2015), enfatizam que o currículo cultural valoriza a diversidade ao questionar a construção da diferença; Neira (2020 b), reforça que o currículo cultura visa formar um sujeito solidário ao dar importância a todas as pessoas na sociedade, independentemente da classe social, raça, etnia, gênero ou religião; Neira (2020 c), ao anunciar que os docentes que colocam em ação o currículo cultural objetivam abordar as diferenças relacionadas às práticas corporais e aos seus representantes; Nunes (2021), que ao acompanhar a prática pedagógica de um professor que se colocou na condução do currículo cultural, relata que houve uma valorização das diferenças culturais na tematização de práticas corporais deixadas de fora das propostas curriculares; e Portela e Alviano Junior (2024), ao pronunciarem que o currículo cultural tem como centro a cultura, desse modo, tal perspectiva permite identificar os diferentes sujeitos que ocupam os espaços da escola e a questionar os marcadores sociais a favor das práticas corporais de grupos subalternizados.

Nesses autores, percebemos fortes influências do multiculturalismo crítico e dos Estudos culturais ao se debruçarem sobre o currículo cultural da educação física. Segundo Santos Júnior, Neves e Neira (2023), refere-se a um pensar a diferença na cultura que iniciou com os escritos de Neira e Nunes (2006, 2009), ao aproximarem de modo intenso o debate da área por meio desses campos teóricos. Com isso, entende-se que o conceito de diferença no currículo cultural, a partir desses autores, está relacionado à diferença cultural, algo reforçado por Borges (2019) ao relatar que o currículo cultural promove possibilidades de valorização da diversidade nas diferenças culturais.

No entanto, perceber-se um deslocamento de sentidos, com o decorrer dos estudos do conceito de diferença no currículo cultural influenciado pelo pós-estruturalismo, a partir da filosofia da diferença. Ao encontramos possibilidades de multiplicidade, de criação, de transformação e de diferenciação na repetição por meio de alguns autores, como: Nunes e Neira (2017), ao dizerem que por meio do processo pedagógico a partir dos encaminhamentos didático-metodológicos e das problematizações conduzidas pelo currículo cultural, é possível pensar a educação física a partir do conceito de diferença pura em Deleuze, quando tais ações retiram de foco a identidade na representação; Bonetto, Vieira e Borge (2022), quando indicam que o currículo cultural da educação física nas condutas da filosofia da diferença pode promover a produção do conhecimento a partir das tematizações e problematizações que não se trata da transmissão de um pensamento representacional, pois tal perspectiva valoriza a

criação e o novo, e com isso a diferença não identitária; Nunes e Neira (2023), ao relatarem que os docentes quando agenciados pelos princípios do currículo cultural, proporcionam aos estudantes frente às problematizações, fluxos contínuos de encontros que colocam em dúvidas as identidades e as verdades que impregnam nossas vidas e nossos pensamentos, algo que pode possibilitar uma diferenciação de si que não se apazigua, mas que faz diferir; Bonetto e Neira (2023), ao enfatizarem que a educação física cultural a partir da filosofia da diferença, conduz às experiências e vivências de atividades que podem promover certas transformações e intervenções nos processos de subjetivação mais prolongados dos sujeitos (processo de diferenciação); e Santos Júnior, Neves e Neira (2023), ao pensarem na diferença colonial, interligam tal campo com a diferença de Deleuze ao relatarem que a educação física a partir do currículo cultural pode permitir encontros entre corpos com a multiplicidade e com a dissidência, com isso, potencializar uma estética, um ser.

Nota-se que esses autores levam os sentidos dados a diferença para o lado da filosofia da diferença. Isso pelo fato de promoverem conversas que contribuem com a reconfiguração das ideias sobre linguagem, conhecimento, sujeito e poder (SANTOS JÚNIOR; NEVES; NEIRA, 2023).

No entanto, Nunes (2016) já tinha aberto esse campo de discussão, ao discutir o conceito de diferença como uma transgressão dos limites a partir de Foucault, e uma diferença que se dá na diferença a partir de Derrida, ambos incluídos no campo da filosofia da diferença.

Com isso, percebemos um deslocamento temporal dos pensamentos atribuídos à diferença, e um pequeno número de discussões nesse campo que vê nesse conceito a multiplicidade e o diferir-se como possibilidade de acontecimento no processo didático pedagógico do currículo cultural. Esses estudos vêm crescendo, algo afirmado por Bonetto (2021), ao dizer que a diferença como um conceito está ganhando ampliações e visibilidades em pesquisas da área.

Trata-se da abertura de um território a ser investigado, como relatado por Vieira (2020), que a partir da análise do desejo e da formação de subjetividades, visando combater a maquinaria social que produz o capitalismo, o currículo cultural pode possibilitar que as aulas deixem de ser um espaço de formação de identidades sensíveis à diferença cultural para um aguçamento das linhas libertárias. Entendemos que esse território apresentado por Vieira (2020), ainda é inexplorado devido à existência de indagações sem respostas, como: “quais são as implicações pedagógicas dessa compreensão de diferença para a perspectiva cultural de

Educação Física? Em que medida é possível fomentar um currículo alinhado à diferença nas suas dimensões epistemológica e ontológica?” (SANTOS JÚNIOR; NEVES; NEIRA; 2023, p. 15).

Guattari e Rolnik (2010) nos ajuda a pensar e questionar, ao trazer a cultura como um conceito reacionário produzido no campo da semiótica social e cósmica: estando o currículo cultural na chave da cultura, até que ponto a tematização de uma prática corporal pode estar relacionada a cultura de valor, a cultura de alma ou a cultura de mercado?

### **Possíveis considerações**

Notamos que no currículo cultural da educação física, a diferença a partir do multiculturalismo crítico e dos Estudos Culturais, está na diferença cultural. Porém, a partir de Nunes (2016), inicia-se uma discussão mais ampla e profunda da diferença que escapa do viés identitário, dando espaço às análises da diferença a partir da filosofia da diferença com Derrida e Foucault. Mais adiante, outros autores como Nunes (2018), Bonetto (2021) e Vieira (2020), deram continuidade a partir das suas pesquisas à essa discussão, com base em Deleuze e seu debruçamento sobre a diferença que não está na identidade, mas sim, na multiplicidade, na criação do novo e na diferenciação da repetição. Trata-se de um processo que pode acontecer nos acontecimentos territoriais, movidos pelas forças que os transformam. Trata-se de uma diferença fora da chave da cultura.

Entendemos que a diferença no currículo cultural, a priori, acontece nas comparações de sentidos na linguagem. Uma diferença que está no outro e não em si, ou seja, no sujeito em comparação com o outro. Uma diferença relacionada à identidade. Uma diferença que se aproxima da diversidade, de práticas corporais pertencentes às culturas não hegemônicas. Porém, entendemos também, que as vivências e experiências pedagógicas discentes a partir do currículo cultural da educação física, pode possibilitar que um corpo ao ser afetado pelas vivências e experiências a partir das tematizações das práticas corporais, se diferencia de si. Nesse caso, a diferenciação pode estar na afirmação absoluta da vida - na resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida. Uma resistência inabalável ao aniquilamento de uma vida não fascista que se faz a toda hora e todo dia e por cada um.

No entanto, como acontece tal processo de diferenciação de si nas vivências e experiências discentes no currículo cultural da educação física, é um território que carece de maior investigação.

## Referências

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; CRUZ, A. C. J. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, n. 2, p. 85-97, 2011.
- BARROS, G. A.; MUNARI, S. R.; ABRAMOWICZ, A. Educação, cultura e subjetividade: Deleuze e a diferença. **Revista Eletrônica de Educação**, v.11, n.1, p. 108-124, jan./maio 2017.
- BONETTO, P. X. R. **Esquizo-experimentações com o currículo cultural de educação física**. 2021. 336f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- BONETTO, P. X. R.; VIEIRA, R. A. G.; BORGES, C. C. O. Educação física e as filosofias da diferença: encontros com Foucault, Deleuze e Derrida. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Curitiba, v. III, p. 76-92, mar. 2022.
- BORGES, C. C. O. **Governo, verdade, subjetividade**: uma análise do currículo cultural da educação física. 2019. 181f. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BONETTO, P. X. R.; NEIRA, M. G. A educação física pós-crítica e suas teleologias: entre a valorização da diferença e o sujeito solidário. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 45, p. e20230060, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Pjnp5LJ5jPftcZq4bzfG3qP/?lang=pt> Acesso em: 20 abr. 2024.
- CALDEIRA, M. C. S; PARAÍSO, M. A. Etnografia educacional e análise de discurso: uma bricolagem metodológica para pesquisar currículos. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 04, p. 1499-1526, out./dez. 2016.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 p. 28-46.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NEIRA, M. G. Cruzando fronteiras: o currículo multicultural e o trabalho com as diferenças em sala de aula. **Lantuna**: Revista Cabo-verdiana de Educação, Filosofia e Letras, Santiago, v. 1, n. 1, p. 119-136, jan.-jun. 2014.
- NEIRA, M. G. O currículo cultural e a afirmação das diferenças. *In*: BOTO, C.; SANTOS, V. M.; SILVA, V. B.; OLIVEIRA, Z. V. (orgs.). **A escola pública em crise**: inflexões, apagamentos e desafios. São Paulo: Livraria da Física, p. 183-201, 2020 a.
- NEIRA, M. G. Os conteúdos no currículo cultural da educação física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. **e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 827-846, abr./jun. 2020b.

NEIRA, M. G. A abordagem das diferenças no currículo cultural da educação física. **Humanidades & Inovação**, v.7, n. 10, p. 39-56, 2020c.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**. São Paulo: Phorte Editora, 2006.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

NUNES, H. C. B. O trabalho com a diferença na educação física escolar. **Kinesis**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 01-15, 2021.

NUNES, H. C. B.; MÜLLER, A.; NEIRA, M. G. O currículo cultural da educação física na rede SESI-SP de ensino: uma análise a partir da diferença. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, São Paulo, v. 02, p. 113-124, nov. 2015.

NUNES, H. C. B.; NEIRA, M. G. A diferença no currículo cultural: por uma educação (física) menor. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 464- 480, maio/ago. 2017.

NUNES, H. C. B; NEIRA, M. G. O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da educação física. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 18, p. e10073, dez. 2023. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/10073>. Acesso em: 16 abr. 2023.

NUNES, M. L. F. Afinal, o que queremos dizer com a expressão "diferença"? *In*: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (orgs.). **Educação física cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)**. Curitiba: CRV. p. 15-66, 2016.

NUNES, M. L. F. Planejando a viagem ao desconhecido: o plano de ensino e o currículo cultural da educação física. *In*: FERNANDES, C. **Ensino fundamental: planejamento da prática pedagógica: revelando desafios, tecendo ideias**. São Paulo: Editora Appris, p. 77-115, 2018.

PARAÍSO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 587-604, maio/ago. 2010.

SANTOS JÚNIOR, F. N.; NEVES, M. R.; NEIRA, M. G. Diferença colonial e o currículo cultural da educação física. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 67, p. e24336, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/24336>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA JÚNIOR, W. S. **Currículo cultural e a ressignificação: efeitos das práticas de resistência**. 2021, 163f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2021.

PORTELA, T.; ALVIANO JUNIOR, W. Linguagens, culturas e diferenças no currículo da educação física. **Contexto & Educação**, [S. l.], v. 39, n. 121, p. e13919, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/13919>. Acesso em: 23 abr. 2024.

VIEIRA, R. A. G. **Conceitos em torno de uma educação física menor: possibilidades do currículo cultural para esquizoaprender como política cognitiva**. 2020. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

### Sobre o autor e autora

**Wellington Santana Silva Júnior:** Doutorando em educação pela Universidade Federal de São Carlos.

Mestre em educação física pela Universidade Estadual de Campinas. Professor efetivo da disciplina de educação física na Prefeitura de Sorocaba.

*E-mail:* juniorwelington@hotmail.com

**Carolina Rodrigues de Souza:** Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com co-tutela na Ecole Normale Supérieure de Cachan, França (2008); mestre em Educação pela UFSCar (2004) e licenciada em Ciências Exatas, habilitada em Física pela Universidade de São Paulo - USP (2001). Atualmente é docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Departamento Metodologia de Ensino (DME). Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Educação em Ciências com aporte na discussão da epistemologia da Diferença. Coordenadora Institucional do PIBID da UFSCar. Líder do grupo de pesquisa Des:mutação - Vida, Ciência e Educação

*E-mail:* carolinasouza@ufscar.br

Recebido em: 30 jul. 2023

Aprovado em: 12 maio 2024